

[CONTOS E
CRÔNICAS]

MALAS ABERTAS

crônicas de
alegria pelo
mundo

Alexandre Penha

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**

ABC
projetos culturais

MALAS ABERTAS

crônicas de
alegria pelo
mundo

Ficha Técnica

Autor

Alexandre Penha

Coordenação editorial

Alessandra Pirroncello Bucholdz/
ABC Projetos Culturais

Coordenação de produção

Arte Telúrica
Conceito – Gestão Cultural
Dali Projetos Criativos

Revisão

Luiz Fernando Cheres

Supervisão gráfica

Dyego Marçal

Editoras assistentes

Ana Maria Bourguignon de Lima
Thaís Cunningham Gomes

Editado por ABC Projetos Culturais

Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610
e-mail: adm@abcprojetos.com.br
WhatsApp: (42) 99839-4207
@abcprojetosculturais

P399	Penha, Alexandre Malas abertas: crônicas de alegria pelo mundo/ Alexandre Penha. Ponta Grossa: ABC Projetos Culturais, 2025. Coleção Outras Palavras. 79p.; il. ISBN: 978-65-86870-82-4 ISBN: 978-65-86870-86-2 (e-book) 1. Literatura brasileira. 2. Crônicas biográficas. 3. Palhaço. 4. Vida - experiência. I. T. II. Coleção Outras Palavras. CDD : B869.4
------	--

Esta obra foi selecionada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR) no Edital de Concurso nº 005/2020, Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias. A editora ABC Projetos Culturais foi escolhida pela SEEC-PR, por meio do Chamamento Público nº 011/2023 - Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias, para realizar a publicação, conforme critérios previamente estipulados. O conteúdo publicado na obra é de inteira responsabilidade de seu(s) organizador(es) e/ou autor(es).

MALAS ABERTAS

crônicas de
alegria pelo
mundo

Alexandre Penha

Dedicado às pessoas que fizeram
estas histórias vivas virarem crônicas

SUMÁRIO

ABRINDO AS MALAS	9
CRÔNICAS PELO PARANÁ, BRASIL E MUNDO (2002–2024)	
AI, QUE CALOOR! ALEPO, SÍRIA	10
CHAPEUZINHO, QUE HISTÓRIA É ESSA? MARINGÁ, PARANÁ	12
O RISO DA ONÇA XINGU, MATO GROSSO	13
CONVERSA DE PESCADOR MARINGÁ, PARANÁ	15
REFUGIADOS DO RISO JORDÂNIA, ORIENTE MÉDIO	16
DOBRADINHA MARINGÁ, PARANÁ	18
POR QUE JAPONÊS NÃO PODE DORMIR MUITO? MARINGÁ, PARANÁ	19
QUER TROCAR? BURKINA FASO, ÁFRICA	20
MOISÉS MARINGÁ, PARANÁ	22
O CASAMENTO COM O SILVIO SANTOS MARINGÁ, PARANÁ	23
NO ALTO DA MONTANHA NEPAL, ÁSIA	24
CADA NOME QUE APARECE MARINGÁ, PARANÁ	26

À LUZ DE KOMBI RIO GRANDE DO NORTE	27
PONTO A PONTO MARINGÁ, PARANÁ	28
OH, SUZANA! MARINGÁ, PARANÁ	30
INTOCÁVEIS ÍNDIA, ÁSIA	31
A QUESTÃO DA TRADUÇÃO VALEA NANDRII, ROMÊNIA	32
AR COMPRIMIDO MARINGÁ, PARANÁ	34
QUE SORTE! MEIAS FURADAS TAJIQUISTÃO, ÁSIA	35
VOCÊ CONHECE O MÁRIO? MARINGÁ, PARANÁ	37
VOLTA O CÃO ARREPENDIDO MANDAGUARI, PARANÁ	38
¿QUE QUIERES SER CUANDO SEAS GRANDE? PERU	39
O VERDADEIRO OU O FALSO PROSTIBULO, SÃO PAULO	41
SOLDADO CHORA? HAITI	42
QUEM? EU? MARINGÁ, PARANÁ	44
<i>SELFIE</i> COM FIDEL CUBA, AMÉRICA CENTRAL	45
FONTE OVINA DA JUVENTUDE MARINGÁ, PARANÁ	46
ESPETINHO DE GATO SARANDI, PARANÁ	47

JOGADOR REVELAÇÃO MARINGÁ, PARANÁ	48
BOA MEMÓRIA XINGU, MATO GROSSO	50
MORDIDA DE BALEIA MARINGÁ, PARANÁ	51
SE ELE DANÇA, EU DANÇO JORDÂNIA, ORIENTE MÉDIO	52
MÁGICA DO RISO FROUXO HAITI, AMÉRICA CENTRAL	53
SÃO GENÉSIO SÉRVIA, LESTE EUROPEU	54
COMPRADO NA PLANTA MARINGÁ, PARANÁ	55
O TAL DO PORTUNHOL COLÔMBIA, AMÉRICA DO SUL	56
AMENDOIM CAVALO MARINGÁ, PARANÁ	58
O “DISCIPLINA” CRACOLÂNDIA, SÃO PAULO	59
PATADA ROMÊNIA, LESTE EUROPEU	60
DENTES DE OURO RÚSSIA, LESTE EUROPEU	61
RAPOSA NA MOQUECADA MARINGÁ, PARANÁ	63
VAI COMPRAR? MARINGÁ, PARANÁ	65
RINDO DO QUÊ? MARINGÁ, PARANÁ	66
ATIREI O PAU NO GATO MARINGÁ, PARANÁ	67

UM MAR DE EDUCAÇÃO NEPAL, ÁSIA	68
PERNAS TRÊMULAS CHILE, AMÉRICA DO SUL	70
RAPADURA PAQUISTANESA FAISALABAD, PAQUISTÃO	72
VAZAMENTO OCULAR ERECHIM, RIO GRANDE DO SUL	74
<i>HANAKUSSO</i> ASILO WAJUNKAI DE MARINGÁ, PARANÁ	75
O RISO DAS MÃOS ANPACIN (ESCOLA PARA SURDOS) DE MARINGÁ, PARANÁ	76
O PALHAÇO FICA PORTO PRINCÍPE, HAITI	77
A HISTÓRIA DO PALHAÇO	78
SOBRE A EDITORA	79

ABRINDO AS MALAS

Respeitável público! Senhoras e senhores! Sejam bem-vindos ao espetáculo de crônicas de alegria pelo mundo. Chegou a hora de abrir nossas malas e compartilhar histórias e memórias de muitas viagens.

Malas Abertas é o resultado de um olhar particular do artista paranaense Alexandre Penha em suas andanças pelo mundo. São crônicas biográficas de um palhaço, vividas durante mais de duas décadas atuando no Paraná, Brasil e pelo mundo afora. Uma visão artística, inusitada e original de ver a vida por meio do riso e da imaginação. Uma vontade de compartilhar suas vivências para que elas continuem a divertir e não se percam. São crônicas de um artista nos mais diferentes e exóticos lugares por onde passou, apresentou, aprendeu, partiu e voltou. São as memórias vivenciadas nas ruas, palcos, hospitais, asilos, hospitais psiquiátricos, instituições e em outros lugares ao redor do mundo. E lá se foram mais de 60 países onde os sapatos grandes de palhaço pisaram.

Em um mundo imagético, muitos desses momentos foram acompanhados de registros fotográficos que ajudam a manter essas cenas vivas e congeladas no tempo. As malas estão abertas, escolha as crônicas que desejar ler. E, principalmente, divirta-se!

O espetáculo vai começar...

AI, QUE CALOOOR!

ALEPO, SÍRIA

Era uma tarde abafada na recepção do pequeno hospital em Aleppo, na Síria. A falta de energia elétrica, consequência ainda da guerra, não permitia que os ventiladores fossem ligados. Como de costume, eu me preparava para entrar em ação como Doutor Palhaço; havia uma ansiedade, imaginando o que eu encontraria e que poderia fazer. Afinal, o palhaço não fala sírio e a sua cultura é muito diferente.

E foi assim: ao entrar naquela recepção, logo avistei cinco mulheres que estavam sentadas, todas de lenço na cabeça — como manda a tradição — e todas com leques improvisados, tentando afastar o calor sufocante. De repente, eu lembro que, em um dos meus bolsos, um leque aguardava para ser usado. Era um leque simples, pequeno e de cor bege. Quando comecei a me abanar, imitando as senhoras que tentavam se refrescar, os olhares e risos começaram a surgir. As primeiras risadas começaram tímidas, mas logo se tornaram gargalhadas calorosas. O clima na recepção mudou num instante. Sentindo-me encorajado, comecei a cantar uma melodia alegre, que lembrava uma marchinha de carnaval:

— Ai, que calooooooooorrrr! Ai, que calorrrrrr!

Elas começaram a rir ainda mais, não entendendo o que eu cantava. Comecei a abanar aquelas senhoras, ora na cabeça, ora nas mãos, até que tomei a liberdade e abanei o sovaco da senhora mais velha. Ela ria, motivada pela diversão e pela vergonha, acrescida às falas das outras mulheres que riam também, com ela. Eu não entendia nada.

Depois de alguns minutos, guardei meu leque de volta no bolso, mas percebi que o sorriso permanecia no rosto daquelas senhoras. O calor não tinha passado, mas a alegria havia entrado por aquela recepção. Penso que, talvez, o palhaço lhes tenha lembrado que, nas circunstâncias mais difíceis, a alegria pode ser encontrada nas coisas mais simples. E, naquele pequeno hospital em Aleppo, por um breve momento, a força do riso brilhou mais forte que a guerra.



CHAPEUZINHO, QUE HISTÓRIA É ESSA? HOSPITAL UNIMED MARINGÁ, PARANÁ

Naquela manhã gelada, o hospital estava envolto em um ar de silêncio, quebrado apenas pelo *bip* das máquinas e murmúrios distantes. Entre os pacientes, uma senhora de cabelos grisalhos se destacava. Ela tomava uma medicação de cor rubra que ajudaria no combate à anemia, visto que estava repondo ferro.

O frio daquele dia fez com que ela usasse o seu cachecol vermelho como uma touca de cabeça. A cena parecia um desenho animado — uma senhora enrolada em um pano vermelho, só mostrando olhos, nariz e boca. Quando avistei essa imagem, logo sabia que estava diante de uma figura de contos de fadas. Fui logo dizendo:

— Chapeuzinho Vermelho! Que prazer!

A senhora não hesitou e respondeu.

— Sou eu mesma.

— Você está tão diferente — disse, diante daquela confirmação.

— É que eu tenho quase 80 anos!

Fiquei espantado por saber a idade da Chapeuzinho. Perguntei pela Vovó, e ela me respondeu que já havia morrido há muito tempo. Perguntei pelo Lobo, e Chapeuzinho disse que o havia matado, enfatizando que havia sido à facada. Foi um espanto, essa nova versão da história foi se tornando um conto nada de fadas. A senhora, digo, Chapeuzinho, ainda me disse que o Caçador era um bobão, todo atrasado. Começamos a conversar, e descobri muitos outros detalhes de outras histórias de infância: os três Porquinhos haviam virado torresmo há muitos anos; João e Maria estavam com diabetes de tanto comerem doces; a Bela Adormecida era na verdade uma preguiçosa.

Depois dessa atualização dos contos, já me preparava para ir embora, quando a senhora me revelou um novo segredo: ela era professora de Literatura, aposentada. Fiquei pensando que certas coisas só acontecem nos contos de fadas do hospital.

O RISO DA ONÇA

PARQUE INDÍGENA DO XINGU

Você sabe o som que a onça faz? Nem eu! Eu confesso, palhaço sabe muitas coisas, mas nem tudo. No meio de uma aldeia indígena, no Xingu, ele sabe menos ainda. Mas foi um tempo de aprender muitas coisas com os índios da aldeia Kamayurá.

A tradicional festa chamada Karupi estava para começar. Na verdade, não se trata de uma festa, mas do momento em que celebram e choram os mortos daquele ano. Uma ocasião em que rituais são realizados por meio de cantos, danças e lutas. A festa, em si, aconteceu depois do ritual, quando os palhaços reuniram todas as crianças da tribo para uma apresentação inédita — um circo na aldeia. Nós, palhaços, fizemos de tudo: dançamos, cantamos, fizemos mágica, malabares, acrobacias e tudo o mais que pede o espetáculo. Mas esse nosso ritual teve que passar por certas adaptações.

Tradicionalmente, os palhaços se apresentam em duplas, um fazendo piada com o outro. No caso narrado, eu apresentava meu companheiro de espetáculo e contava a nosso público a respeito de algumas das suas características: tinha chulé, so-vaco cheirava mal, soltava pum... Coisas de palhaço.

No caso em questão, essas piadas não funcionaram — certos risos e tabus são só culturais. Foi a hora de a floresta ser explorada pelos forasteiros. A apresentação virou quase uma aula de biologia, eu apresentava o outro palhaço comparando-o aos animais:

— Com vocês, o palhaço Adalberto! Que mais parece uma anta!

Quando estamos no nosso quintal, tudo fica mais fácil de entender. Os índios riram muito, principalmente quando Adalberto disse que anta era minha mãe. Mãe, o Adalberto não sabe o que fala, você é elegante como um pavão. Foram inúmeras

as tentativas: arara, macaco, tucunaré, tatu e aí por diante. Nenhum satisfazia o palhaço, apenas o riso do público. A sugestão final veio do contrariado palhaço, que desejou ser o principal animal daquela floresta brasileira, símbolo de bravura dos guerreiros e caçadores. Queria ser anunciado como uma onça. O combinado foi feito:

— Agora com vocês, Adalberto, a onça do Xingu.

Prontamente, ele olhou para o público Kamayurá, mostrou as garras e soltou um “uéuuuuuu” ao estilo de gato bravo. Foi o auge! Os índios caíram na gargalhada ao ponto de nós ficarmos completamente confusos com a reação. Mas um dos índios interveio, e tudo ficou claro:

— Palhaço, onça não faz isso.

Descobrimos depois que o som da onça é bem diferente. Onça não é leão e nem gato. Curiosos, descobrimos como era o esturro do animal. Pois é, não é nem rugido que se fala, é esturro. Vale a pena pesquisar antes de ir para uma aldeia. Caso contrário, você corre o risco de os índios rirem de você também.



CONVERSA DE PESCADOR

HOSPITAL MUNICIPAL MARINGÁ, PARANÁ

Seu Carlos estava sossegado tomando a medicação. Do seu lado, sua esposa o acompanhava. Era um dia tranquilo e o hospital estava em um silêncio que deixava todos calmos. Diante desse cenário, vale registrar que o local onde é feita a medicação é decorado com um painel retratando uma grande lagoa, com árvores e pássaros.

Quando chegamos, fomos recebidos já com agradecimentos, e o Seu Carlos dizia que adorava palhaços. Conversa vai, conversa vem, pergunto se ele já tinha pescado naquele lago, o que ficava decorando a sala. Seu Carlos disse que tinha esquecido as “traias” de pesca, mas que era pescador dos bons. E foi aí que começaram as histórias de pescador.

Ele disse que pescava sempre com o boné para trás, para o peixe achar que ele estava indo embora. Eu disse que pescava de costa, para dar o mesmo efeito. Ele disse que uma vez pegou um lambari de 35 quilos, e esse peso era só da foto. Eu disse que uma vez pesquei um pintado, coisa mais linda, e com o detalhe de ter sido pintado a mão. Enquanto íamos relatando nossos casos, a esposa do Seu Carlos comentava como conseguíamos inventar tanta mentira. Continuei dizendo que uma vez pesquei um peixe que fez o rio Paraná baixar dois metros. Ele disse que uma vez pescou uma “peixa” que estava grávida e, logo em seguida, pescou um peixe parteiro. Eu disse que pesquei um dourado que, depois que derreti, gerou 2 quilos de ouro. Ele disse que uma vez, sem querer, jogou o anzol e puxou o ralo do rio, e os peixes saíram correndo...

E foi assim que as histórias “verdadeiras” foram sendo compartilhadas. No fim, a esposa do Carlos nos disse que, para pescador talvez nós não serviríamos, mas para mentirosos já éramos profissionais. É verdade!

REFUGIADOS DO RISO

JORDÂNIA, ORIENTE MÉDIO

Faz calor em boa parte do mundo. No Oriente Médio, parece ser ainda mais intenso. Esse mesmo sol aquece a Jordânia, um dos países com o maior número de refugiados do mundo. Mostram os números — que eu não sei quem conta — que já são aproximados nove milhões de habitantes e, dentre eles, três milhões são refugiados. Ou seja, numa matemática básica, a conta revela que um terço do país é formado por iraquianos e sírios fugidos das guerras em seus países.

E naquela temperatura acima dos 40°C, em Amã e Fuheis, nós, artistas, quase derretendo, nos encontramos com crianças sírias refugiadas. A matemática da vida mostra os resultados: olhos abertos e rostos que expressavam a tragédia da guerra, lindas crianças com pouca expressão. Elas estavam acompanhadas de suas mães, mulheres em burcas pretas, cujo encanto era revelado apenas pela visão de seus rostos, ou apenas pelo revelar dos seus olhos. O desafio da nossa equação estava lançado: não assar naquele calor e tentar resgatar um pouco da infância por meio da imaginação, do jogo e da brincadeira dos palhaços. Não foi uma conta simples de fechar, mas o resultado foi o esperado: palhaço + criança = alegria.

O calor foi insistente, permaneceu o dia todo. Retirada a maquiagem, guardado o nariz vermelho na mala, o próximo passo era visitar famílias sírias e iraquianas que, por serem refugiadas, tinham pouco acesso à educação, empregos e saúde. Em uma de nossas visitas, fomos recebidos na casa de uma senhora de apenas 26 anos, que estava com seus três filhos. Reconhecemos seus rostos, da apresentação. Depois de compartilhar a luta e a superação que passou com a família até chegar à Jordânia, houve uma pausa na história. A jovem senhora fixou os olhos nos nossos rostos. Nos reconheceu. O intérprete traduziu o que ela havia dito:

— Vocês são os palhaços! Obrigada. Fazia muito tempo que eu não via meus filhos sorrindo. Obrigada.

Derretemos de vez, a temperatura externa foi sentida também internamente, estávamos com o coração aquecido por aquelas palavras. Entendemos, afinal, que o riso também pode ser somado à resistência e ao refúgio.



DOBRADINHA

HOSPITAL MUNICIPAL DE MARINGÁ, PARANÁ

Era meio-dia no hospital e todos os pacientes já estavam servidos. A hora do almoço é sagrada num hospital. Nessas horas, como palhaço, sempre tentamos incrementar o cardápio dos pacientes. Normalmente, ofereceremos coisas “proibidas” como torresmo, batata frita, sorvete, até aquela água que passarinho não bebe, e por aí vai... Lógico que sempre fazemos isso longe do pessoal da enfermagem.

Naquele dia, encontramos com a Dona Lourdes, que há pouco tinha se deliciado de sua refeição hospitalar. Diante das nossas ofertas, ela foi direta em dizer:

— Palhaço, o que eu queria mesmo era comer uma boa de uma dobradinha!

Um pedido digno, entretanto, já fui informando com pesar que aquela iguaria a gente não fazia. O motivo era que dava muito trabalho dobrar aqueles quadradinhos de carne, um por um. Diante dessa informação, Dona Lourdes começou a rir tanto que sua dentadura quase se despreendeu da boca.

O outro palhaço, diante da cena, disse:

— Ainda bem que ela não pediu rabada!

Dona Lourdes riu mais, a ponto de quase engolir a dentadura.

POR QUE JAPONÊS NÃO PODE DORMIR MUITO?

HOSPITAL PARANÁ, MARINGÁ, PARANÁ

É fato que o brasileiro gosta de futebol. Mas quem diria que, ao andar pelo corredor do hospital, encontraria uma simpática senhorinha assistindo a um jogo de futebol. E não era uma cena qualquer, tratava-se de uma senhorinha com belos olhos rasgados, de ascendência nipônica. Para minha surpresa, ela assistia ao jogo do Japão contra a Colômbia, em plena Copa do Mundo no Brasil. O futebol é mundial!

Sem cerimônias, ao me sentar ao lado dela, já fui logo perguntando:

— A senhora está torcendo para quem?

Com uma tímida risada, bem ao estilo oriental, ela disse que, naquele jogo, torcia para os japoneses. Mas me garantiu que sua real torcida era logicamente para a seleção brasileira.

Sobre a partida a que assistia, disse estar um pouco preocupada, já que era quase fim do primeiro tempo, e a seleção da Colômbia acabava de empatar o jogo. A conclusão era clara, e eu palpitei, como um bom comentarista esportivo, que devia ser porque os japoneses da defesa não abriram os olhos. Novamente, uma boa risada tímida oriental. Foi então que ela fez uma jogada sensacional; para minha surpresa, soltou uma “piada de placa” logo após minha afirmação:

— Dr. Palhaço, você sabe por que japonês não pode dormir muito?

É claro que eu não sabia e fiquei curioso a respeito desse segredo. E veio a finalização:

— Porque, se dormir muito, cicatriza!

Ela deu uma risada bem ocidental nessa hora, e eu também! No fim da partida, o Japão ganhou de 2 a 1 da seleção sul-americana. *Banzai*.

QUER TROCAR?

BURKINA FASO, ÁFRICA

O ser humano nasceu para trocar. Trocamos as meias. Trocamos opiniões. Trocamos figurinhas. Até os dentes nós trocamos. E trocamos muitas outras coisas que ficam eternizadas entre os “trocantes”.

Era mês de novembro, e fomos trocar experiências em um país africano pouco conhecido, Burkina Faso. Um país lindo e desértico, com um povo muito receptivo. Depois de trocar o avião pelos carros 4x4, as viagens em terra foram seguidas por apresentações em diferentes tribos, com seus inúmeros dialetos, até chegarmos ao lugar central dessa crônica: o vilarejo de Gaeri.

O protocolo foi seguido, primeiro trocamos cumprimentos com os chefes da tribo, respeitando a tradição, e, depois, com os outros membros. Nessa troca de gestos, encontrei com um dos anciãos que se destacava por usar um lindo chapéu africano. Trocando sorrisos e mímicas, tentando uma boa comunicação, comecei a negociar a troca daquele chapéu encantador por minha singela boina de palhaço. A conversa se estendeu por quase uma hora até eu conseguir chegar no item desejado. Nesse entremeio, trocamos e destrocamos vários outros objetos e ríamos muito. Ele até quis trocar meu sapato por seu chinelo.

No final, para tentar fechar a “trocação” e, com a ajuda de um tradutor, decidimos manter nossos bens. O chapéu, naquela tribo, é sinal de hierarquia, e não seria bom confundir as coisas. Ainda sou muito novo. Não consegui aquele acordo material, mas consegui uma amizade e um respeito por aquele novo amigo que levarei para eternidade. Uma excelente troca.



MOISÉS

HOSPITAL UNIMED MARINGÁ, PARANÁ

Quando chegamos ao quarto, não havia paciente. A cama estava bagunçada e a televisão ligada. Aparentemente, não havia ninguém. O que havia acontecido? A enfermeira havia nos dito que o paciente está internado há dois dias e esperava nossa visita. Um mistério pairava no ar. Nós só entramos, porque a porta estava aberta. Será que ele havia fugido?

Então, de repente, ouvimos o barulho da descarga vindo do banheiro. Para nossa surpresa, aparece um senhor com longo cabelos brancos e um bigode que parecia um pincel grosso. Ele saiu de seu momento de alívio, todo sorridente, dizendo que estava esperando pela nossa visita. Eu logo lhe informei com um tom de exagero:

— Estávamos te procurando há horas. Qual o nome do senhor?

Ele repentinamente respondeu:

— Moisés. Desculpe a demora, fui abrir o Mar Vermelho.

Começamos a rir, e ele também. Me parece que a história bíblica é um pouco diferente, mas, se o Moisés mais famoso tivesse feito dessa maneira, seria bem normal também. Afinal, quem nunca fez um “xixizinho” no mar ou na piscina.

O CASAMENTO COM O SILVIO SANTOS

ASILO LUZAMOR, MARINGÁ, PARANÁ

Não era dia de calouros, nem pegadinha. Era dia de casamento. E, no auge dos seus 89 anos, ela não hesitava em nos contar que seu sonho era casar-se com o Silvio Santos. Toda visita, a história se repetia. Cada um tem o sonho que quer. Depois de repetir por muitas vezes seu desejo, tive a certeza de que ela não queria dar o golpe do baú.

Em uma linda tarde de sábado, com poucos recursos, realizamos a tão esperada cerimônia no salão do asilo. Cerimônia completa, sem tirar e nem pôr, teve de tudo: padre (palhaço), padrinhos (palhaço), banda (palhaço), convidados (a maioria com mais de 80 anos) e, obviamente, o desejado noivo Silvio Santos (ator). A noiva bela desfilou com seu branco véu, buquê na mão e uma cadeira de rodas toda enfeitada. O casamento foi lindo.

Posso afirmar que o destaque foi a fala emocionante do nosso Silvio Santos, ao chamar a noiva:

— “Maaa ooooo, vem pra cá!”

Eles disseram sim um para o outro. Um mês depois, nossa amiga de 89 anos faleceu. Mas foi feliz e casada. Pobre Silvio, mal sabe que ficou viúvo. Dizem as más línguas que ele estava interessado na herança.

NO ALTO DA MONTANHA

NEPAL, ÁSIA

O ser humano e essa mania de subir nas coisas. Um dos maiores desafios criados pelo homem foi escalar o Monte Everest. Trata-se da maior montanha do mundo, com uns 8.848 metros de altitude. Subir nessas alturas deve dar uma canseira. Mas é fato que gente do mundo inteiro viaja até o Nepal para isso. Cada um com a sua mania.

Palhaço que sou, me senti contagiado por todo esse clima e desejei um desafio. O meu, no entanto, foi um pouco menos exaustivo: subir a montanha Mabu. Era só uma caminhada, sem precisar escalar pedra ou usar corda. Não deixou de ser uma aventura radical por isso. Acompanhe comigo: saímos da capital Kathmandu, passamos dez horas num ônibus, andando por desfiladeiros e abismos até chegarmos ao pé da montanha; dormimos em uma casa bem simples, depois de tomarmos banho no rio; no outro dia, às cinco horas da manhã, partimos para mais de seis horas de caminhada até chegarmos ao topo da montanha Mabu, que tem mais de dois mil metros de altitude. Parecia aquelas coisas de programa científico de canal fechado: atravessamos riachos a nado, percorremos trilhas, fomos pegos por pulga e atacados por sanguessugas, subimos em pedras e, finalmente, chegamos. Cada um com seu desafio.

No alto da montanha, nosso circo foi rusticamente armado, composto por três palhaços e suas malas. O espetáculo teve como plateia as pessoas do vilarejo, que ainda vivem à maneira antiga. Esses nepaleses vivem da caça na montanha, da agricultura de subsistência, da pesca no rio, sem energia elétrica. Descobrimos que aqueles habitantes da montanha eram uma mistura que descendia de chineses, tibetanos, mongóis e nepaleses. Cada um com a sua cultura.

Fizemos uma apresentação rústica para um povo que nunca tinha visto essa forma ocidental de palhaço, coberto

de cores e com um belo nariz vermelho. Naquela terra alta, os palhaços também fizeram os povos antigos sorrirem. No fim, cansados, mas satisfeitos, descemos a montanha, refizemos todo o caminho, só que para o lado inverso. Cada um com a sua aventura. E haja aventura.



CADA NOME QUE APARECE!

HOSPITAL UNIMED, MARINGÁ, PARANÁ

É cada nome que aparece. Quando a gente conta, parece até invenção nossa, mas a verdade é que, como palhaços, a gente conhece muita gente com nome diferente. E, lógico, isso rende muitas piadas.

A gente conheceu o seu Antônio Sardinha. Ficamos tentando descobrir se as pessoas de sua família nasciam dentro de uma lata ou se elas eram parente de alguma sereia ou tubarão.

A gente conheceu Dona Valdivina, e não conseguimos descobrir se ela era ou não divina.

A gente conheceu seu Paulo Ferrari, que não quis nos presentear com um carro da marca da família. Inclusive, ele ainda foi esnobe, dizendo que na sua casa havia mais duas Ferraris, sua esposa e sua filha. Ele devia ser bem rico.

A gente conheceu Dona Santa. Isso mesmo, uma santa! Eu fiquei maravilhado, o outro palhaço quis saber por que seus pedidos não haviam sido atendidos, afinal ele tinha acendido muitas velas. Dona Santa informou que agora ela só atendia por WhatsApp.

A gente conheceu a Adelaide Salgado, que na verdade era um doce de pessoa.

A gente conheceu seu Plínio Rocco, que era rouco desde de criança.

Por fim, a gente conheceu seu Antônio Menino, que sempre foi menino. E que, agora, já com 78 anos, nos disse que, quando partir, quer que escrevam em sua lápide com letras bem grandes: "um eterno menino".

À LUZ DE KOMBI

QUILOMBO DE NEGROS DO RIACHO, CURRAIS NOVOS, RIO GRANDE DO NORTE

É poeira que sobe e cobre tudo, cortando o agreste, mata seca com uma beleza peculiar. A trupe viajava com a potente Kombi. Saímos da capital com a Kombi ainda branca e, depois de alguns quilômetros no sertão, já estava tudo ocre. Mudança de cor sem usar um pingo de tinta.

Das muitas viagens para o sertão nordestino, a mais espetacular foi conhecer o quilombo de Negros do Riacho. Povo descendente de africanos que, infelizmente, foram escravizados e, depois de libertos, se refugiaram naquelas terras. O quilombo tinha mais de 100 anos. Um lugar de resistência e improvisado, para os palhaços foi também.

O comunicado lançado a todos, de forma simples e oral, anunciava que haveria apresentação de palhaços às 19 horas. Era um espetáculo para provocar risos. Local: centro do quilombo, debaixo do único poste que tinha luz.

Diante daquela humilde lâmpada, sob o luar e um vento forte capaz de girar os malabares, mais do que os artistas o fariam, começou o espetáculo. Foi a primeira apresentação de palhaços na história daquele lugar. E que estreia! Bastou iniciarmos o primeiro número que tivemos uma grande surpresa, a lâmpada queimou sem nos avisar. Eram palhaços e público no escuro. O que fazer? Aprender a lição dos quilombolas: diante das dificuldades históricas e do abandono do estado, improvisar para viver. A Kombi toda empoeirada foi manobrada, ligamos seus faróis e a peça continuou. Que fantástica iluminação, digna de um teatro tradicional.

Afinal, o espetáculo não pode parar.

PONTO A PONTO!

HOSPITAL MUNICIPAL, MARINGÁ, PARANÁ

O menino chegou chorando próximo à sala de sutura do hospital. Coincidentemente nós, palhaços, estávamos passando por lá. Sua mãe segurava uma toalha manchada de sangue. Quando chegamos, começamos a conversar, desejosos de saber o que havia acontecido. O menino começou a nos contar que estava na escola e, quando foi tentar pular do balanço, caiu e fez um “rombo” na testa. Ele continuou, dizendo que estava chorando porque o médico falou que ele teria de costurar seis pontos na sua cabeça.

Fomos logo intervindo, dizendo que não teria problemas, e que aqueles pontos poderiam ser levados para escola. Se ele estivesse com nota vermelha em alguma matéria, poderia usar na sua recuperação. O menino olhou para sua mãe e disse:

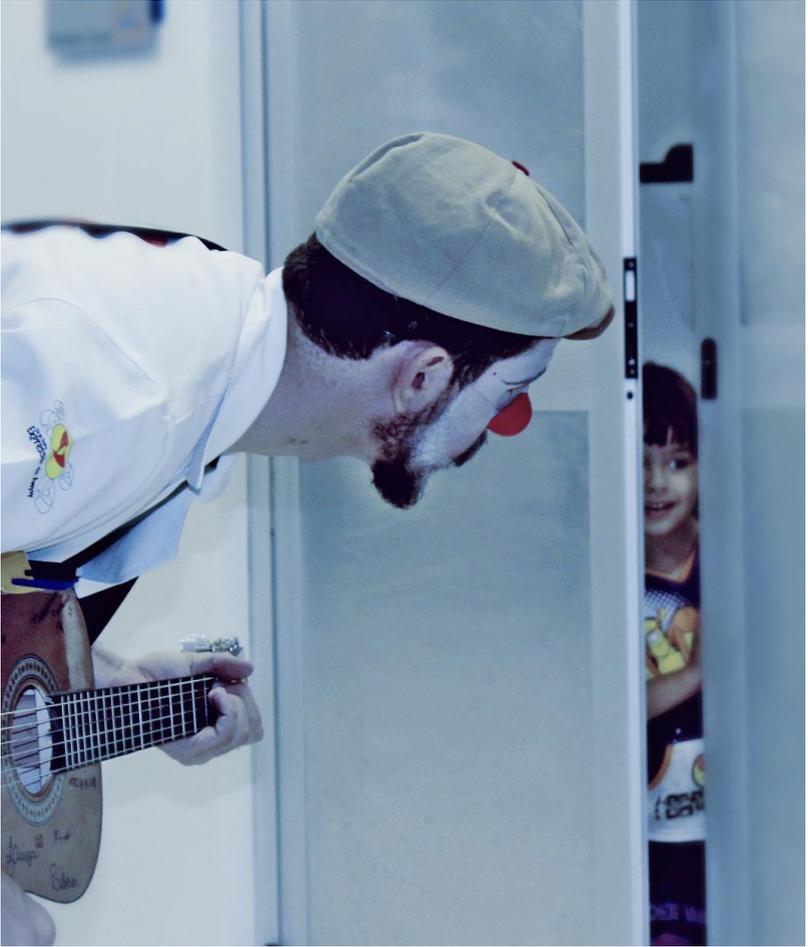
— Mãe, é verdade?

A mãe, rindo da situação e se esquivando, respondeu:

— Não sei! Isso é coisa dos palhaços!

Continuamos, dizendo que usamos os pontos para um monte de coisas, para costurar ponto-cruz, para colocar ponto na carteira, para ligar os pontos e, principalmente, para colocar o ponto no ponto de ônibus. Nessa hora o médico chamou para, de fato, dar os pontos necessários para curar nosso pequeno amigo. O doutor olhou para o menino e falou:

— Esses palhaços não dão ponto sem nó!



OH, SUZANA!

HOSPITAL MUNICIPAL, MARINGÁ, PARANÁ

— Palhaços, venham cá!

Gritou o médico, convidando-nos para entrar na sala de sutura. Convite mais que aceito! Afinal, somos doutores palhaços! A sala de sutura não nos mete medo (a não ser, é claro, se estivéssemos na posição do paciente... mas isso é segredo).

A sala revelou, então, uma cena angelical: uma pequena garotinha no colo da mãe. Ela tinha três anos apenas e, arteira, havia cortado a testa ao bater na quina da mesa. Coisa de criança. Os doutores sabiam que iria precisar de alguns pontos. Coisa de médico.

Era chegada, então, a hora da costura...

A menininha se chamava Suzana. Aquele momento de tensão exigiu que os doutores palhaços entrassem em ação. Não pensamos duas vezes, começamos a cantar, com muita afinação (modéstia à parte, somos multitalentosos), a famosa música: *Oh Suzana, não chores por mim*. Coisa de palhaço.

Suzana ficou contente e começou a dançar no colo de sua mãe; uma exímia dançarina, diga-se de passagem. Nosso amigo médico, vendo aquilo, disse para a pequena:

— Olhe, os palhaços vieram só para te ver.

A mãe, com muita delicadeza, corrigiu o doutor dizendo para a Suzana: “escute os palhaços, Su”... Em meio a algumas interrogações que se formaram ali, a mãe nos revelou que nossa nova pequena amiga havia nascido cega. Doutor e palhaços ficaram um pouco desconcertados. A mãe, calma e prontamente, pediu para continuarmos a brincadeira, e Suzana voltou a sorrir e a nos encantar com sua dança. Coisas de mãe que sabe o que faz.

“Oh Suzana, lá lálá lá lálá”, a música foi cantada até dar o nó no último ponto. Acreditamos que ela nos viu com os olhos do coração. Coisa de artista.

INTOCÁVEIS

ÍNDIA, ÁSIA

Existem lugares que a gente lembra pelo cheiro. A Índia tem cheiro de tempero. E, além do cheiro, é grande que nem tem como medir com os olhos. É um país imenso, com uma multidão de pessoas em todos os cantos e com uma cultura muito colorida, repleta de deuses e animais. Eu tinha receio de ser confundido com um. Antas são sagradas na Índia?

Na cultura indiana, as pessoas são divididas em castas. É normal isso gerar uma certa confusão na nossa cabeça ocidental. Lá, você nasce em um grupo que define sua identidade e sua profissão para sempre, as suas e as de seus descendentes. Isso é uma tradição milenar dos hindus. Aqui no Brasil, existem algumas semelhanças, mas quem define seu valor é o dinheiro mesmo. A casta mais baixa e mais sofrida é a dos *Dalits*. São pessoas marginalizadas, consideradas impuras e, portanto, não devem nem ser tocadas. Eles me disseram que um toque já me deixaria impuro.

Se a cabeça ocidental é confusa, imagine então a cabeça do palhaço. Tente explicar algo a um, e você vai perceber que ele fará exatamente o contrário. Não perdemos tempo e fomos nos apresentar nas escolas *Dalits* do sul da Índia. Depois das apresentações, começava o verdadeiro espetáculo: abraços, beijos, apertos de mão e até mordidas. Foram brincadeiras e risos com cheiro de tempero.

Os palhaços voltaram para casa purificados.

A QUESTÃO DA TRADUÇÃO

VALEA NANDRII, ROMÊNIA

O pessoal sempre nos pergunta como é possível nos comunicarmos, como palhaços, nos diversos países em que já estivemos. Afinal, sabemos mais ou menos o português. De fato, a questão da comunicação é algo bem complexo e ao mesmo tempo simples. Como palhaços, temos a facilidade de nos comunicarmos com a linguagem universal dos gestos e do sentir.

Nos diversos países em que já estivemos, muitas anedotas já aconteceram por conta da tradução. Em Burkina Faso, um lindo país africano, tivemos um verdadeiro telefone sem fio — apresentávamos em português, que logo era traduzido para o francês e, por fim, para o dialeto do vilarejo. A questão era que falávamos umas dez frases e, ao serem traduzidas, iam diminuindo até chegar a duas ou três frases. Até hoje não sabemos o que o público entendeu.

Desse modo, o momento mais marcante no quesito tradução aconteceu na Romênia, com ucranianos, falando russo e tendo como tradutor um espanhol. Uma verdadeira Torre de Babel. Estávamos apresentando em um acampamento para refugiados da guerra da Ucrânia, eram famílias que haviam deixado suas casas diante do possível ataque das tropas russas. A Romênia havia se tornado um local seguro e acolhedor. Então, começamos nossas rotinas de palhaço, sendo traduzidos pelo amigo espanhol que nos ouvia em português e repassava em russo as piadas para o público. Tudo decorrida de maneira jocosa e os erros de linguagem também eram aproveitados. Até que, ao chegar ao final do espetáculo, o palhaço quis que o público lhe ensinasse a simples palavra amor, só que em russo. Para sua surpresa, amor em russo é “lobófe” (escrevo da maneira com foi escutado). Amor em russo está mais próximo da palavra *love* e que, convenhamos, não ressoa nos ouvidos de maneira muito bonita. A questão é que o palhaço ficou indigna-

do que uma palavra responsável por algo tão bom, o amor, fosse, em russo, "lobófe". O mais interessante é que o público nem precisou de tradução para entender o que se passava, eles riam sem parar da cara do palhaço, e passaram a desejar "lobófes" a todo momento, o que deixava o palhaço ainda mais indignado.

Por fim, sendo amor, *amore*, *love* ou "lobófe", o que vale mesmo é sentir o valor dessa palavra em qualquer língua.



AR COMPRIMIDO

HOSPITAL MUNICIPAL, MARINGÁ, PARANÁ

Em meio ao silêncio nos corredores, naquele domingo à tarde, na ala de adultos, seu José estava sentado e com o olhar perdido em direção à janela. Seu José não permitia rádio e nem televisão no quarto. Preferia o silêncio, assim, poderia ficar a sós com Deus. Foi o que ele nos disse. Não Deus, o seu José. Contou, ainda, que tinha um problema muito grave no pulmão e, por isso, tinha dificuldades para respirar.

Precisei entrar em ação. Era chegada a hora do tratamento! Rapidamente, tirei uma pequena bexiga do bolso e comecei a enchê-la. Terminado, amarrei a bexiga e dei para o Seu José, dizendo:

— Pode ficar com o senhor, aqui dentro tem bastante ar.

Eu estava com a sensação de dever cumprido. No entanto, seu José começou a rir sem parar e, tomando fôlego, disse:

— Mas eu não tenho problema de bexiga, é de pulmão.

Que vacilo! Sem perceber, errei o órgão. Diante da decepção daquele pobre doutor palhaço, seu José completou:

— Mas muito obrigado! Vou ficar com ela mesmo assim, não estou podendo desperdiçar nenhum ar.

Todos respiraram aliviados.

QUE SORTE! MEIAS FURADAS

TAJIKISTÃO, ÁSIA

No meio do mundo, nós, palhaços, sentíamos estar vivendo em um mundo diferente. É lógico, todo lugar que é diferente da sua casa é diferente. Mas e se for no Tajiquistão? É mais ainda. Esse lugar desperta uma sensação de viajar no tempo e voltar para o passado, já que era a terra dos antigos persas.

A verdade é que a antiga história dos persas fica mais na memória do que na aparência do país. Hoje em dia, é um lugar com cidades, indústrias, muitos carros e a vida como a gente vê na televisão. Não imagine um país caindo aos pedaços em decorrência de guerras, meu caro leitor. Mas é diferente também. Outra cultura que revela disparidades do ocidente. Tipo?... Tipo a nossa apresentação. Seria realizada em um espaço fechado, com isolamento acústico, para poucas crianças. O convite foi feito e tudo foi organizado por um grupo religioso clandestino. Parecia coisa de filme mesmo! A sensação de que poderíamos ser descobertos, presos e tudo mais era constante. Se sentíamos medo? Não nego, mas também não confesso.

Chegamos ao local sorrateiramente, precisávamos ser silenciosos e não deixar pistas. Estávamos nos sentindo em um filme. Depois de olhar para os dois lados, como verdadeiros espiões, entramos pelo portão e atravessamos um quintal grande, até chegarmos num salão. Só faltou mesmo um helicóptero passando para dar cobertura. Era preciso ter cuidado com absolutamente tudo.

A um passo de entrar no salão, onde crianças e adultos esperavam por dois palhaços, um grande obstáculo surgiu: na entrada, uma muralha feita com dezenas de calçados. Eram tênis e chinelos de todos os tipos. Coitados, não iriam assistir à apresentação. Olhamos para o nosso agente, digo, nosso anfitrião, e ele também tirou os seus sapatos. Talvez fosse uma

questão de segurança ou algum código secreto... Não, fazia parte da cultura deles.

Não pudemos ser diferentes, nos aculturamos. Apresentamos só de meias, o tradicional sapato grande de palhaço ficou do lado de fora. Coitado, não pôde se apresentar. A sorte é que as meias coloridas estavam furadas e o público se divertiu com isso. Não conte a ninguém, meias furadas são códigos secretos dos palhaços.



VOCÊ CONHECE O MÁRIO?

HOSPITAL PARANÁ, MARINGÁ, PARANÁ

“Você conhece o Mário?”

Quem nunca ouviu essa pergunta? E quem nunca respondeu “Eu não! Que Mário?”, para logo ouvir aquela resposta tão boba? Coisa de moleque de quinta série que gosta de pregar peças nos outros.

Educados que somos, entramos no hospital prontos para visitar a ala dos adultos, mas sempre pedindo permissão antes de passar por qualquer porta. É protocolo: em todo quarto, batemos na porta e pedimos autorização para entrar. Se sim, entramos, se não, respeitamos. Mas sempre existe o espaço do “talvez”... Naquele quarto, entre nós e o paciente, havia um armário que nos impedia de sermos vistos. Educados que somos, entramos lentamente para ver quem estava por trás daquele móvel. Antes do encontro, o palhaço, percebendo um barulho que sugeria alguém, perguntou:

— Tem alguém aí?

O leitor pode achar que é invenção minha e que nunca aconteceu, mas a resposta que ouvimos foi clara:

— É o Mário!

Eu sei que parece mentira, mas é fato. Conhecemos o Mário que fica atrás do armário! Só esperando para fazer uma pegadinha de pergunta e resposta com as pessoas. Mas, naquele dia, estava apenas esperando para fazer uma cirurgia.

Depois disso, toda vez que me perguntam se eu conheço o Mário, respondo que SIM! E passe bem.

VOLTA O CÃO ARREPENDIDO

MANDAGUARI, PARANÁ

A rua é um mundo com características próprias. Quem já apresentou em outros palcos sabe como é. Na rua, tudo pode acontecer com os palhaços: chuva repentina, buzina de carro, pessoas passando pelo meio, bêbados atrapalhando o espetáculo, ambulantes gritando seus produtos e outras coisas que renderiam muitas páginas. Desde os artistas das feiras medievais, é assim.

Outros quiproquós que os artistas de rua sofrem são causados pelos animais. Os bichinhos aparecem e, muitas vezes, o inusitado acontece, desconstruindo toda a cena. Às vezes, bate um arrependimento por ter escolhido aquele lugar para a apresentação... Pois bem, a gente realizava o espetáculo em um bairro bem humilde na cidade de Mandaguari, era um projeto para levar arte a locais de pouco acesso. A rua virou um verdadeiro palco: havia cadeiras e até um espaço demarcado para os artistas. De um lado, um bar, do outro, um terreno baldio e, na rua, a trupe. Foi assim que, no meio do espetáculo, tomei o centro da cena e comecei a declamar um poema em homenagem aos animais. Dizia o seguinte:

— Volta o cão arrependido, com suas orelhas tão fartas, o osso ruído e rabo entre as patas.

Nesse mesmo instante, o famigerado animal entrou em cena. Já na primeira frase do verso, o público foi ao delírio. Eu achando que era devido à minha eloquência. Pobre de mim. Era, na verdade, por causa de um cachorro que, ao ouvir a palavra "cão", julgou estar sendo chamado. O cãozinho se posicionou a meu lado e ali ficou. O público ovacionou o animal que não quis mais sair dali. O palhaço ficou com cara de cachorro quando caiu da mudança. Se o público fica feliz, não há arrependimentos.

¿QUE QUIERES SER CUANDO SEAS GRANDE?

PERU

O mais engraçado da América do Sul é que o Brasil é o único país que fala português. Poderia ser mais fácil se falássemos *español como nuestros vecinos*.

Para além de Machu Picchu, o Peru é um país cheio de outras histórias e lugares fantásticos. Desembarcamos para apresentar nosso espetáculo em alguns vilarejos longe dos grandes centros. Foi necessário que aprendêssemos, de imediato, o “portunhol”. Explico o dialeto: basta falar o português, enrolando um pouco a língua e acrescentando “ito” no final. Exemplifico para você: pouco vira *poquito*, palhaço vira *palhacito*, palco vira *palquito* e por aí vai. O fato é que dava certo, conseguimos nos virar bem.

Seguimos para as regiões de grande altitude, onde o ar é raro, mais difícil de respirar. Por isso, ar rarefeito. No vilarejo de Huáran, tínhamos uma questão a resolver: onde montaríamos nosso picadeiro? Depois de respirar fundo — bem fundo para conseguir mais ar — e olhar a paisagem a nossa volta, não tivemos dúvida. Que vista deslumbrante. Na descrição do espetáculo daquela manhã, ficou registrado que tivemos, sob nossos pés, o palco sagrado do Vale Sagrado dos Incas. As montanhas da Cordilheira dos Andes eram nosso cenário. O público, as crianças descendes dos índios Incas. O que mais poderíamos desejar?! Quem sabe um grande condor-dos-andes sobrevoando nossa apresentação. Ou talvez, só um pouco mais de ar...

Copiando a frase do famoso circo Ringling Bros. e Barnum & Bailey Circus, foi o maior espetáculo da terra (segundo nossa opinião). No fim, nem precisamos do “portunhol”, terminamos esbanjando agradecimentos ao público com um grande *gracias*.

Com o olhar perdido naquela maravilhosa cordilheira, recebi um abraço surpresa da *pequetita* Ayme, de 4 anos. Ela vestia uma roupa rosa, parecia uma *bonequita*, e tinha os cabelos penteados ao estilo de seus antepassados incas, com lindas tranças. Perguntei se tinha gostado da apresentação e, pelo sorriso, a resposta foi sim. Perguntei o que ela queria ser quando crescesse, ela olhou para mim e com uma voz doce de criança pequena, respondeu:

— *Quiero ser Payasa!*

Dei-lhe o meu nariz vermelho e disse que já poderia começar.



O VERDADEIRO OU O FALSO?

**PROSTÍBULO, AVENIDA SÃO JOÃO,
SÃO PAULO, CAPITAL**

“Alguma coisa acontece no meu coração, que só quando cruza a Ipiranga e a *avenida São João*”. O verso de Caetano Veloso resume o vivido na sexta-feira, às 14h30, na capital de São Paulo. Era próximo ao Dia das Mães, e fomos homenagear algumas delas, que são sempre esquecidas. Talvez lembradas apenas nos jogos de futebol, quando os juízes são xingados. Essas mães ficavam num prédio com um singelo apelido de “treme-treme”. Lembrando que em São Paulo não há terremoto...

Naquela tarde, tomei o ofício de florista e fui apresentar aquelas mães com belas rosas. Um prédio de nove andares com, aproximadamente, 150 mulheres em situação de prostituição. Isso é lugar de palhaço entrar? A alegria ocupa qualquer espaço.

No último andar, mais precisamente no apartamento de número 17, eu me deparei com uma moça encostada na porta. Fumava, pouca roupa, maquiagem forte e sorriso sedutor à espera de um cliente. Entreguei a flor e gentilmente perguntei seu nome. Pergunta rara no “treme-treme”. Com um riso ingênuo, que parecia não fazer parte daquele ambiente, disse:

— Você quer o verdadeiro ou o falso?

Eu, palhaço curioso, disse que queria saber os dois. Seu nome de batismo era Larissa, mas, ali, era conhecida como lasmin. Entretanto foi a vez de ela ser curiosa e ir fazendo a mesma pergunta. O palhaço que habita em mim prontamente retrucou:

— Você quer o verdadeiro ou o falso?

Ela também quis saber os dois. O nome de batismo era Alexandre, mas ali estava como o palhaço Cajuíno Castanho. Entreguei as rosas, eram para Larissa.

SOLDADO CHORA? QUARTEL MILITAR DA ONU, HAITI, AMÉRICA CENTRAL

Volto a falar de Caetano Veloso. Quem canta o verso “o Haiti é aqui” sabe que se refere à situação de extrema vulnerabilidade desse país. Contraditório, já que é localizado no meio do mar do Caribe, numa ilha muito linda, dividida em duas partes: de um lado, a República Dominicana e, do outro, o Haiti. Complexo, um lado tem boas condições por conta do turismo; o outro, inúmeros problemas sociais.

O Brasil desembarcou nesse país muito antes da chegada dos palhaços — conto sobre isso mais adiante. Nossa missão, ao pisarmos naquela ilha, era nos apresentarmos em diversos orfanatos do Haiti — em 2013, o país contava o maior número de órfãos do mundo. Foi uma grande festa! Crianças e palhaços são seres universais que falam a mesma língua: a imaginação. Voltemos aos brasileiros que chegaram no Haiti bem antes de nós — os soldados da missão de paz promovida pela ONU. Nos encontramos com eles, os conhecemos e fomos convidados para apresentar nosso espetáculo no quartel. Seria desonroso não aceitar.

Entramos marchando na base militar. Admiramos a disciplina e a organização do quartel. Verdadeiramente, nós nos sentíamos em um filme de guerra, mas era chegada a hora da comédia. Diante de nós, em um auditório de instruções, 300 soldados assistiram aos palhaços jogando com a vida. No fim de nossa apresentação, olhávamos do palco e víamos muitos soldados emocionados, sorrisos e lágrimas inundavam aquele lugar. Manifestações de alegria e de saudade do Brasil, das suas casas. Eita, soldado chora?! Só os verdadeiros soldados choram, porque sabem que não deveriam existir... Cumprimos a nossa missão de paz.



QUEM? EU?

HOSPITAL PARANÁ, MARINGÁ, PARANÁ

Os muito etiquetados negam, mas soltar um pum é algo divertidíssimo. Seja sozinho ou em grupo. A gente ri só de pensar.

Na recepção, o Pedro estava ao lado da mãe, esperando a consulta. Ele segurava um pano com marcas rubras, seu nariz estava sangrando. Do outro lado da recepção, nós, palhaços, paramos para observar. Ele não entendeu e riu pelo fato de mostrarmos nossa curiosidade. Não resisti e perguntei:

— Rapaz, quem solta um pum tão poderoso que até faz sangrar o nariz?! Foi você?

É lógico que ele negou, quem solta sempre nega. Para nossa surpresa, após a negativa, ele apontou para mãe. Ela, brincando, puxou a orelha do menino e negou o pum. Eu continuei a investigação:

— Se não foi a senhora, foi quem?

Sem hesitar, ela apontou para a palhaça que me acompanhava, mas ela também negou, dizendo que soltava pum apenas quando comia carne de porco. Engraçado, ela é vegetariana... Enfim. Foi então que passou, diante de nós, o médico com as mãos cheias de exames. Não hesitei e perguntei:

— Foi o senhor?

Ele disse que não sabia do que se tratava, mas assumia a responsabilidade se fosse para o bem de todos. Que fabuloso médico! Assumia o pum dos pacientes para o bem da saúde e da ciência.

SELFIE COM FIDEL

CUBA, AMÉRICA CENTRAL

A primeira imagem que vem à mente quando penso em Cuba é semelhante a um quadro pintado à tinta óleo e muito colorido, repleto de pessoas fumando charuto nas ruas, tomando rum, dançando salsa e andando em carros da década de 50. Foi mais ou menos assim quando estive lá, essa Cuba dos retratos é um pouco parecida com a realidade.

O que parece já não ser mais visto é o grande líder, Fidel Castro, em ação. Na data de minha viagem e, também, dessa crônica, ele já havia morrido. Alguns até disseram que eu precisaria de muito tempo disponível para vê-lo mais de perto, seus discursos eram bem longos. Mas notei que, mesmo depois de sua morte, ainda era muito presente em vários locais: pintado em muros, em quadros nas paredes, suas frases estavam escritas em placas. Ele se foi, mas muita coisa ficou.

No hospital para o qual fomos convidados para palestrar sobre os palhaços do Brasil, ele também estava presente. No salão de conferência, pintado à tinta óleo verde oliva, havia, de um lado, a foto de Raul Castro e, do outro, de Fidel — não repito aqui seu sobrenome, pois já me sentia seu amigo na época. Engraçado, presentes em um hospital apesar de nenhum deles ser médico. Enfim, eu queria mesmo era vê-los pessoalmente, tirar uma foto para postar nas redes sociais e, na legenda, escrever *"hasta la victoria siempre"*. Na falta deles, a *selfie* foi com o quadro da parede, com um detalhe: acrescentei, à foto do comandante Fidel, um nariz de palhaço bem vermelho. Eu gostava dessa cor. Uma amiga cubana olhou com uma cara de espanto e disse que seria de bom senso tirar logo a foto antes que alguém visse, poderia dar problemas. O palhaço que há em mim pensou: se tiver algum problema sei que *"la historia me absolverá"*.

FONTE OVINA DA JUVENTUDE

CLINIPREV, MARINGÁ, PARANÁ

Ao entrar na recepção da clínica, avistei de longe duas senhoras, uma sentada em uma cadeira de rodas e outra ao seu lado. Elas me pareciam tranquilas, esperando a hora da consulta. Com meu atrevimento de palhaço, fui logo chegando e me apresentando, querendo conhecê-las. Uma se chamava Marta, tinha seus 91 anos de sabedoria e vitalidade, uma figura admirável. Ao seu lado, para minha surpresa, sua filha Clara, de 72 anos. Era uma dupla inabalável. Juntas, elas formam uma verdadeira inspiração para qualquer um que se pergunte o segredo de uma vida longa e saudável. Curioso, quis saber o segredo de tanta longevidade. Sem hesitar, ela respondeu com um sorriso maroto: "Ovos todos os dias." Intrigado, perguntei: "Mas, Dona Marta, a senhora não tem dó das galinhas?"

Ela, com seu humor afiado, respondeu sem pestanejar: "A gente come duas dúzias por semana!"

Comecei a rir e discursar em prol do bem que as galinhas fazem para os humanos. Aprendi que, mais que um simples hábito alimentar, ali estava uma filosofia de vida, onde a simplicidade e a alegria das pequenas coisas, como um ovo frito no café da manhã, contribuíam para uma existência plena e feliz.

Dona Marta me advertiu: "Tem que ser cozido!"

ESPETINHO DE GATO

HOSPITAL METROPOLITANO DE SARANDI, PARANÁ

Pode alguém comer gato? Quem nunca comeu um espetinho na rua e desconfiou que poderia ser carne de felino? Eu sempre achei que esses pobres bichanos corriam perigo.

Pois bem, ao visitar uma menina de 6 anos, nós tivemos a certeza de que era possível sim encontrar essa comida nada comum. Entramos no quarto de número 225, iguais a gatos: silenciosos e elegantes. Doutores palhaços são sempre etiquetados. Entramos, sabendo da gravidade do caso, uma retirada às pressas de um dos rins que estava causando problemas. Foi tudo uma surpresa, não havia tempo para dor ou lamentação. Mas uma confidência foi feita ao pé da orelha:

— Palhaço, não conta para ninguém, mas eu tinha um gato na minha barriga! — ela me contou com um olhar de gata travessa.

— E o que fizeram com ele? — eu perguntei.

— Os outros doutores tiraram — ela respondeu com a meiguice de uma gatinha.

Surpreso com tudo aquilo, indaguei à garotinha sobre o porquê de ela ter comido um gato. Sem receber uma resposta, só nos restou cantar a famosa canção "atirei o pau no gato". Os doutores palhaços advertem: consumir espetinho de gato é contraindicado, pois pode causar problemas nos rins.

JOGADOR REVELAÇÃO

HOSPITAL PARANÁ, MARINGÁ, PARANÁ

Copa do Mundo é época de futebol. Para a maioria dos brasileiros tudo muda, principalmente, a agenda. O brasileiro é capaz de se desdobrar para assistir aos jogos. Mas uma coisa é certa, ninguém se programa para ver os jogos em um hospital, estando doente. E foi nesse local que fomos escalados pelo médico plantonista para visitar um rapaz que estava em tratamento. Ele estava com uma inflamação no pâncreas, que lhe havia causado complicações, e seu humor estava, definitivamente, na reserva.

Palhaços convocados, assumimos nossa posição no jogo! Ao entrar naquele quarto de hospital com dois leitos, passamos pelo primeiro com um aceno e a promessa de que voltaríamos depois. Nos deparamos com o segundo, lá estava o rapaz de quem o doutor havia nos falado. Faço referência ao futebol porque era época de Copa do Mundo, o clima estava instaurado. E esse era o nosso jogo, a grande final entre França e Croácia.

Entre análises táticas, técnicas, escalações e comentários variados, veio a constatação de que a seleção da Croácia estava mais fraca, pois estava desfalcada. No time de Modric, Kovacic, Rakitic, Pasalic, Mandzukic, Kramaric e muitos outros "ic", que são pronunciados como "ite" em português, faltava o nosso jogador, o "pancreatite", para completar o meio-campo. O riso da torcida foi tão forte que os médicos e enfermeiros vieram conferir a jogada. Time completo? Talvez.

Depois do apito final do primeiro tempo, fomos cumprir a tabela e visitar o paciente que estava no primeiro leito. Ao chegarmos, ele nem esperou o apito inicial e já foi se escalando:

— Palhaços, eu estou com "diverticulite".

Agora sim o time estava completo.



BOA MEMÓRIA

PARQUE INDÍGENA DO XINGU, MATO GROSSO

Acontece que todo reencontro é marcado por uma expectativa de que nada mudou. Mas o tempo passa e as coisas mudam. No caso, era só um ano entre a primeira visita à tribo e o retorno para aquela linda aldeia no meio do Xingu. O artista chegou ansioso para reencontrar as crianças que ele já considerava amigas, principalmente, o Raoni, de quatro anos, e sua irmã, a Sayumi, de seis. São os filhos do Chico, índio que, na primeira visita, nos chamava para pescar e nos contava algumas histórias sobre seu povo Kamayurá.

Foi só esperar o sol mostrar os seus primeiros raios que, logo, as crianças começaram a aparecer para ver o povo da cidade que havia chegado. Entre vários rostos, reconheci a Sayumi, que tinha crescido um pouco em um ano, mas ainda mantinha aquela cara de menina esperta. Me aproximei dela e fui logo falando:

— Olá, Sayumi.

— Oi.

Foi um reposta bem seca, sem me dar muita atenção. Eu perguntei, abrindo um grande sorriso:

— Lembra de mim?

Ela olhou e, sem fazer muita questão, respondeu:

— Não.

É uma resposta direta e típica dos indígenas. Eu os admiro, são bem objetivos, respondem só o que é questionado, bem diferentes do povo da cidade. Sem me dar por vencido, tentei uma outra:

— Lembra do palhaço que veio no ano passado?

Dessa vez, a resposta veio rápida e seguida de um grande sorriso:

— O palhaço está aí? Cadê? Vai ter palhaço de novo!

Antes que continuasse a falar, ela saiu correndo para avisar as outras crianças da tribo. O artista teve que voltar, mas o palhaço tinha ficado.

MORDIDA DE BALEIA

HOSPITAL MUNICIPAL, MARINGÁ, PARANÁ

Quem nunca ouviu um choro de criança no hospital? Criança é assim, chora e ri a toda hora. Os adultos se esquecem de fazer isso...

Do corredor, ouvimos um choro que rompia do quarto. Era o choro do Gabriel, que acabava de tomar uma boa injeção no bumbum. Aquela agulha, por mais fina que seja, sempre dói. Não adianta tentar me convencer do contrário...

Gabriel e palhaços se olharam de perspectivas diferentes; nós, palhaços, estávamos em pé, e ele, deitado na cama, com sua avó sentada ao lado. O seu desabafo foi instantâneo: assim que entramos no quarto, ele começou a nos contar o que tinha acontecido, e eu logo perguntei:

— Doeu?

A resposta foi direta:

— Igual mordida de formiga!

Eu não me dei por satisfeito e retruquei, dizendo que achava que injeção doía igual mordida de cachorro. Gabriel olhou admirado. Acho que ele nunca tinha escutado um bom apoio nessa hora. Todos os adultos sempre dizem que não vai doer ou que é igual uma mordida de formiga, sempre tentando se passar por fortes. Gabriel entendia de injeções e acrescentou que doía igual mordida de boi. Retornei, comparando aquela dor da agulha à mordida de cavalo. Ele complementou dizendo que, na verdade, era igual à mordida de tubarão. Aumentando a dose, disse que era igual mordida de elefante. Entre uma mordida e outra, chegamos à conclusão de que qualquer injeção doía como uma grande mordida de baleia. As baleias têm uma boca gigante.

Quando sua mãe entrou no quarto, nem deu tempo de cumprimentar a todos, Gabriel já foi rindo e contando que tinha tomado uma boa mordida de baleia. Só resta descobrir quem carregou o animal para dentro do hospital, mas, até agora, ninguém sabe...

SE ELE DANÇA, EU DANÇO

JORDÂNIA, ORIENTE MÉDIO

Estávamos quase no fim da apresentação para as crianças refugiadas da Síria. Na frente, as crianças com os olhos fixos em nós; ao fundo, as mães com um olhar de contentamento. Os olhos delas são muito expressivos, a única parte do corpo que conseguíamos ver, já que elas usavam burca — aquela veste feminina que cobre todo o corpo e, no caso delas, possui apenas uma pequena abertura que revelava os olhos — lá, é outra cultura.

No fim do espetáculo, desejei mostrar minha habilidade de dançarino palhaço e, para homenagear a todos, propus uma dança ao estilo árabe. Apenas um pequeno detalhe: eu não fazia ideia de como dançar assim... Uma verdadeira audácia. A desastrosa tentativa de fazer alguns passos e balançar os ombros causaram muitas risadas. As mães caíram no riso — apesar de não ser possível ver o riso no rosto, conseguimos observar suas burcas se mexendo sem parar.

Uma das mães começou a me questionar, gesticulando e mostrando que não era assim que elas dançavam. O palhaço atrevido que reside em mim convidou-a para me ensinar a famosa e verdadeira dança árabe. Ela se recusou porque estava em um ambiente público — lá, é outra cultura. Depois de uma boa provocação, ela não resistiu. Olhou para os dois lados e, como não havia homens por perto — lá, é outra cultura —, essa mulher deu um passo para frente e, de repente, começou a dançar para o delírio das outras mães. Foi um verdadeiro espetáculo de cultura. Sua burca mexia e remexia, me lembrou uma vela de barco em meio a um vento forte. Não pensei duas vezes, continuei a dançar — se ela dança, eu danço.

MÁGICA DO RISO FROUXO

HAITI, AMÉRICA CENTRAL

No orfanato, o palhaço se sentiu em casa. Criança e palhaço sempre se deram bem, mesmo que eu falasse português e elas *créole* haitiano. E foi assim que fomos trocando figurinhas, rindo e conversando por horas sem saber uma palavra do que o outro falava.

Conversa vai, conversa vem, chegou a hora do espetáculo. Palhaços e tradutora de um lado e, do outro, as crianças. O orfanato virou um grande circo, os bancos de madeira, uma bela arquibancada. Entre malabares, acrobacias e equilibrismo, a hora da mágica foi a mais empolgante. Havia um suspense no ar, a ideia da magia é muito forte em um país com muita tradição ritualística africana. Só que os palhaços são mágicos fajutos que só conseguem um truque com a ajuda da plateia. A escolha do ajudante caiu sobre um menino de 11 anos chamado Baker. Ele tinha um diferencial, tinha riso frouxo. E não era feitiço dos palhaços, era o jeito dele mesmo. Quando Baker se posicionou para nos ajudar com a mágica, julgamos que precisava de uns adereços para sua nova função. Ele recebeu minha boina, depois o colete e, por fim, os sapatos. A cada acessório colocado, ele ria mais, e o riso contagiava a todos no circo, digo, no orfanato.

Não precisamos fazer muitas outras coisas, a grande mágica estava sendo feita: nosso amigo estava virando um palhaço. Existe um tipo de poder que encanta as pessoas e que, muitas vezes, não necessita de palavras mágicas. Esse poder se chama riso frouxo.

SÃO GENÉSIO

SÉRVIA, LESTE EUROPEU

O vilarejo era bem simples, rua sem asfalto, pouca iluminação e muitas crianças brincando na rua. O frio daquele lugar era o que o diferenciava do Brasil. As crianças vestiam roupas grossas e toucas que as deixavam parecidas com pinos de bo-liche. No local da apresentação, elas se apertaram para conseguir uma melhor visão dos palhaços que vieram do outro lado do mundo. Mesmo sendo um lugar apertado, e tendo muitas pessoas ali reunidas, fazia muito frio.

Os artistas seguiram a regra e adaptaram o figurino para aqueles -8°C que fazia no vilarejo. Sim, o frio era de oito graus celsius negativos, era de bater o queixo. Da casa transformada em camarim até o local da apresentação, o frio parecia ser um congelante desestímulo, mas o espetáculo tinha que continuar. São Genésio, o santo protetor dos palhaços, deve ter olhado por nós mesmo, sem termos feito uma prece e, junto a São Pedro, nos enviou um bom incentivo. Quando colocamos nosso pé de palhaço na rua e começamos a caminhada de poucos minutos até o teatro improvisado em um rústico salão, começou a nevar como em um filme de fim de ano. Era uma neve fina e branca que nunca tínhamos visto. Lembrava confete de carnaval anunciando a alegria. Foi lindo de ver.

Sentimos a magia branca da neve. Foi como o momento em que as luzes do teatro se acendem para o início do espetáculo. Uma sensação tão boa e tão difícil de explicar... Quando chegamos e vimos o público, o corpo estava frio, mas a alma dos palhaços estava aquecida. Estávamos prontos para fazer o espetáculo continuar. Obrigado, São Genésio, pelo incentivo. Agradeça a São Pedro também.

COMPRADO NA PLANTA HOSPITAL UNIMED, MARINGÁ, PARANÁ

Quando conhecemos a Márcia, fazendo quimioterapia, não imaginamos que ela era daquelas que são “alma de festa”. O pessoal da enfermagem já a conhecia pelas suas histórias engraçadas e jeito irreverente de ver a vida.

Naquele dia, ela estava acompanhada de seu marido, um rapaz de aparência jovial, quase como se tivesse acabado de entrar na fase adulta. Naturalmente, a curiosidade foi imediata. Afinal, havíamos notado que ela parecia ser um pouquinho mais velha que ele. Então, o palhaço se aproximou e, sem perder tempo, perguntou:

— Márcia, vocês são casados há quanto tempo mesmo?

Márcia deu uma risada alta e respondeu, com aquele humor afiado de sempre:

— Todo mundo quer saber. Eu comprei ele na planta!

As risadas explodiram ao redor. Eu, de palhaço, fui logo aprofundando a conversa arquitetônica:

— Financiado?

Ela sorriu de novo, já sugerindo que uma nova pérola estava prestes a sair:

— Ah, meu bem, foi uma novela! Você sabe como é, né? A gente compra uma coisa e entregam outra! E olha só, já tá precisando de reforma!

A médica que passava caiu na gargalhada, enquanto Márcia piscava para o marido, que parecia já estar acostumado com as tiradas da esposa. Ela finalizou, ainda, afirmando que a compra foi mesmo parcelada e sem direito a devolução.

A conclusão dela é que, no final, tinha sido um bom investimento.

O TAL DO PORTUNHOL

COLÔMBIA, AMÉRICA DO SUL

A Torre de Babel confundiu as línguas, é o que dizem. Seria tão mais fácil se todos falassem a mesma língua. Eu sei que entre nós da América Latina essa confusão foi um pouco menos efetiva. Nós falamos o “portunhol”, é fato. Chegamos a Cali, grande cidade da Colômbia, convidados para participar de um encontro latino-americano de palhaços. Sabido dessas questões linguísticas apresentadas, nem levei um dicionário na mala. Carregava, em mim, a convicção de quem podia conversar tranquilamente com qualquer um.

Na sala onde eu iria *hablar* sobre a arte tradicional dos palhaços, havia colombianos, peruanos, guatemaltecos e chilenos. Ufa! Já me sentia aliviado por não precisar falar inglês, apenas o portunhol. *Gracias!* Na hora de dividir o conhecimento com os *hermanos*, a mistura de espanhol com português parecia fazer muito sentido. Só não contava que a pronúncia pegaria o palhaço pelas calças curtas, ou pela língua mesmo... Constatei isso em um exercício, quando houve uma risada geral dos participantes além do espanto no olhar de alguns — funcionou como um verdadeiro corretor ortográfico. Aos meus ouvidos, eu havia dito que eles deveriam prestar atenção nos olhos dos outros; aos ouvidos deles, contudo, foi algo que sugeria que prestassem atenção nos ovos dos outros. O erro para o palhaço é uma dádiva.

No fim, fizemos uma grande omelete de palavras e todos entenderam. Pelo menos, eu acho que sim... espero que sim. Afinal, somos *hermanos*.



AMENDOIM CAVALO

HOSPITAL, PARANÁ

Quem gosta de amendoim come ele a qualquer hora. É aquele tipo de comida que só paramos de comer quando acaba. Tem gente que prefere como doce, outros preferem como aperitivo salgado com uma cerveja gelada para acompanhar. Sinto que até salivou a boca.

Amendoim no hospital só pode ser mesmo para enganar a fome na recepção, encontrado naquelas máquinas que você coloca o dinheiro e ela derruba o pacotinho. É viciante. Pois bem, foi assim que encontramos com a Dona Maria, tranquila, comendo seu amendoim, esperando a hora da consulta. Devido à simpatia inicial do nosso encontro, ela foi logo oferecendo educadamente um pouco do seu amendoim. Educadamente, agradei a oferta, mas recusei, não porque não quisesse, era trauma mesmo. Contei que, uma vez, eu havia comido o tal do amendoim “cavalo” e, desde então, passei a evitar a iguaria. Ela me indagou, querendo saber o que havia acontecido. Só de lembrar o caso, já suei frio, mas contei:

— Dona Maria, na última vez que comi amendoim, comi daquele tipo “cavalo”. Comi feito um cavalo, abocanhando um bom punhado e mastigando com gosto. Depois de meia hora, comecei a sentir um coice na cueca e tive que correr como um jóquei para o banheiro.

Dona Maria caiu na risada e me relatou que, com ela, aconteceu algo parecido no passado. Já havia sofrido coices na calçola também. Teria ela comido amendoim égua?

O “DISCIPLINA”

CRACOLÂNDIA, SÃO PAULO

“São Paulo, 5 de maio de 2014, quatro horas da tarde”. Parece começo de notícia de jornal popular ou música de *rap* e, confesso, é quase isso mesmo.

Andava com minhas armas de palhaço pela região central de São Paulo, próximo à estação da Sé. A ideia era levar arte a ocupações, cortiços, e *microfavelas* que existem naquela região. Fui para o ataque. Tinha um plano bem pensado em minha mente e, por isso, entrei em uma estreita porta velha que dava passagem para uma ocupação. Fui revelado a um mundo ao avesso, quase como *Nárnia*, mas sem a presença de encanto e magia. Era uma favela no meio do miolo de um quarteirão de lojas, onde vendiam eletrônicos baratos. Um 30 famílias viviam lá, com poucos recursos, instalados em casebres com o esgoto a céu aberto. Entrei armado de palhaço e atirei arte naquele espaço, provocando muito riso.

Na saída daquela *Nárnia* invertida, um rapaz estava à porta, esperando... parecia uma tocaia. Cheguei sem medo, e nos colocamos a conversar e a rir. Eu o tinha dominado. Era um rapaz com típico estereótipo de alguém que parecia ser do crime: tatuagens de cadeia, camisa de time de futebol, linguajar malandro e correntes de ouro. Viramos comparsas em poucos segundos, e eu zombava dele, amigavelmente, já que o seu time havia sido desclassificado no dia anterior. Rimos tanto que até cansamos.

A despedida veio com o convite sem data definida: se eu quisesse, era para “voltar na quebrada a qualquer hora”. Depois do aceno final, fiz uma descoberta por intermédio de uma das responsáveis pelo projeto ao qual fomos dar apoio artístico. Aquele rapaz era o “Disciplina”. Disciplina? Isso! Termo usado para o traficante responsável por disciplinar a região da Cracolândia e membro da organização criminosa PCC.

Naquele encontro, só houve espaço para a imaginação que o palhaço propôs. Isso envolve Disciplina...

PATADA

ROMÊNIA, LESTE EUROPEU

Os animais sempre fizeram parte do circo. Por conta dos maus-tratos que muitos sofreram, nos dias de hoje, eles não podem mais estar no picadeiro. A proibição faz muito sentido. Mas, quando o picadeiro não está no circo, e sim em qualquer outro lugar, os animais aparecem sem permissão e com descumprimento das regras.

Na Romênia, terra dos vampiros e do conde Drácula, não foram os morcegos que apareceram. Antes de tratarmos desse assunto, imagine comigo um picadeiro improvisado no quintal de uma grande casa cigana, em um bairro marginal e miserável, chão de terra batida, frio de congelar os sapatos dos palhaços — essa é a breve descrição de onde o espetáculo aconteceu. Para esquentar, a agitação dos palhaços com seus números circenses. Sentíamos-nos em casa e havíamos nos reconhecido nos ciganos — usavam muitos adornos e roupas coloridas como as nossas. Reza a lenda que os ciganos também eram grandes artistas circenses e, por isso, saíram vagando pelo mundo, sem pátria fixa.

Voltando a mencionar os animais... foi bem no meio do espetáculo que apareceu o inusitado companheiro para fazer parte do nosso circo. Era normal ver ursos, leões, cachorros e outros animais nessas situações. Mas tivemos um visitante inédito naquele dia. Um pato. Quem já ouviu sabe, esse animal berra alto. A cada fala do palhaço seguida da tradução do intérprete, o pato emitia o seu grasnado que parecia um verdadeiro riso. É certo que o público riu muito com a intervenção do pato, o que ajudou muito nosso trabalho. Creio que nem era um pato treinado, era sim um talento natural.

DENTES DE OURO

RÚSSIA, LESTE EUROPEU

Na manhã daquele dia, fazia muito frio na Rússia. Afinal de contas, ir para um país marcado pelas baixas temperaturas e sentir calor seria uma decepção. Além dos 2 graus celsius negativos, começava a chover quando começamos a apresentação. Que sorte dos palhaços. Estávamos em um distrito pobre há uns 20 quilômetros de Moscou. Lá, também chovia.

O palco era uma praça comunitária, e as crianças não se dispersaram com a chuva, talvez, elas estivessem acostumadas com o clima. Nós, os palhaços, tivemos que continuar o espetáculo, que foi divertidamente congelante. No final de tudo, foi lançado um convite, por parte de um dos pais, para irmos tomar um chá em sua humilde casa. Era uma forma de agradecimento pelo espetáculo. Aquele era um lugar de refugiados da Moldávia — difícil de localizar mentalmente esse país no mapa. Esses refugiados ainda preservavam seus costumes, eram ciganos do leste europeu, com largos sorrisos, alguns desses sorrisos reluziam como o ouro — “como” o ouro não, “com” o ouro.

No caminho até a casa do anfitrião, passamos por uma reunião de uma grande família. Eu quis fazer parte e fui bem recebido, mesmo sem entender nada, nenhuma palavra do que diziam. Quis dar também os meus pitacos, ninguém entendeu, mas os risos provocados valeram a pena. Virou uma verdadeira bagunça. Foi então que a matriarca apareceu. Com a nossa barulheira, ela saiu da cozinha e foi reclamar da balbúrdia que a desconcentrava nos afazeres domésticos. Ela era uma senhora muito idosa, roupas de cigana, grandes peitos caídos e lenço estampado na cabeça. Na mão, uma faca grande de cozinha. Parecia uma ameaça, mas era só para cortar cebolas mesmo. Assustado, arranquei do meu bolso um pente para me defen-

der e, se fosse necessário, lutar com a grande mãe. Seria um duelo épico. Quando ela percebeu que se tratava de um palhaço e que a bagunça era de alegria, ela sorriu. Houve um grande brilho naquele momento, seus dentes de ouro iluminaram todo o ambiente. Felicidade não tem preço. Mandou um beijo e voltou a cortar as cebolas.



RAPOSA NA MOQUECADA

HOSPITAL MUNICIPAL DE MARINGÁ, MARINGÁ, PARANÁ

Pode pegar o caderno de receitas porque essa é inédita. Não é um prato simples, eu diria muito exótico — raposa na moquecada. Confesso: parece não ter o gosto bom.

Vamos aos ingredientes dessa crônica. Ela começou com uma pergunta básica, “boa noite, a gente pode entrar?” Recebemos somente a resposta afirmativa de um dos pacientes, já que o outro senhor estava gritando com a filha e reclamando das condições do hospital. Ele parecia muito emburrado com sua doença e o fato de estar internado há dias.

Começamos nossa visita pelo senhor que nos respondeu logo no início; ele estava deitado e explicou que estava com catarata nos olhos. Adicionamos uma pitada de conhecimento médico — ele logo faria sua cirurgia —, falando que era uma emoção ver a catarata dele, já que a única que conhecíamos era a do Iguaçu. Ele riu desse nossa tolice, a ponto de sua dentadura quase cair.

Depois de nossa primeira consulta ter sido um sucesso, fomos em direção ao paciente emburrado. Com cuidado, buscando não temperar muito a receita, o cumprimentei. Ele logo disse que não estava nada bem, pois achava aquele lugar horrível. Acrescentei uma pitada de pergunta, desejando saber qual era sua enfermidade, e, soubemos, era pedra no rim e doía muito. Era hora de misturar tudo:

— Vamos torcer para que a pedra seja um diamante, ficaremos ricos.

A mistura deu errado, ele não entendeu a brincadeira do pobre palhaço e começou a dar-lhe uma verdadeira bronca. Restou ao palhaço ouvir, a ponto de também começar a reclamar de tudo... Ficou um pouco salgado o clima.

A receita foi salva quando o palhaço percebeu que o senhor tinha um sotaque bem diferente. Nosso mestre cuca era da Bahia, terra de comida boa. Então, voltamos aos ingredientes, falando sobre acarajé, vatapá, caruru e outros pratos de dar água na boca. Era hora do segredo final da receita:

— Palhaço, você já comeu raposa na moquecada?

Nunca tinha comido. Aquele senhor começou a rir tanto que teve até que se sentar para doer menos a pedra no rim. Depois dos primeiros aborrecimentos, veio a amizade. Tudo ficou bem temperado. Ele passou a receita do prato, ensinou como preparava e combinou de um dia comermos juntos aquela exótica comida. Nos despedimos com a receita no bolso.

No rodapé da receita, a filha pediu para escrever que fazia mais de dez anos que ela não via seu pai rir tanto e agradeceu, dizendo que ele era meio rabugento mesmo. Que delícia de receita.



VAI COMPRAR?

HOSPITAL UNIMED, MARINGÁ, PARANÁ

Tem dias que o dia é noite, já dizia minha avó. Tem dias que a gente acorda com a motivação perdida e sem coragem de procurar. Às vezes, no hospital é assim, os palhaços chegam mais cansados do que quando vão embora. São aqueles dias em que tudo está devagar.

Nós temos uma amiga funcionária que parece sempre nos acompanhar nesses dias. Tem jeito de perseguição, a gente sempre a encontra, quando estamos mais lentos que tartaruga. Então, em uma desses dias, ela passou com um carrinho — daqueles de levar roupa suja — e foi bem na hora que sentamos na recepção para tomar um arzinho e descansar. Olhei para minha dupla de palhaço, olhei para a funcionária e para o carrinho vazio, achando que poderia ter sorvete, açai, salada de fruta ou sanduíche natural:

— “O”, comadre, o que você está vendendo aí?

Ela também estava cansada, naquele dia, e respondeu, em alto e bom tom, que era “coragem”. Eu disse, sem hesitar, que ia querer comprar um meio quilo. Ela confessou que também precisava naquele dia; então, parou o carrinho, se escorou e perguntou:

— E vocês não tem nada pra vender?

Respondi que naquele dia só estava vendendo “preguiça”. Mas nossa amiga disse, rindo, que preguiça ela não queria nem de graça.

RINDO DO QUÊ?

HOSPITAL MUNICIPAL, MARINGÁ, PARANÁ

Tem horas em que a calmaria produz uma curiosidade que até dá coceira. Com a pulga atrás da orelha, fomos verificar por que a luz do quarto estava apagada, já que parecia haver algumas pessoas ali dentro. Estranho, ainda era o meio da tarde e tudo estava no mais completo silêncio.

Vagarosamente, quase como uma tartaruga, acendemos a luz e nos deparamos com uma adolescente e sua mãe. Elas olharam para os palhaços e começaram a rir, rir muito, rir alto e sem parar. Ficamos olhando sem dizer uma palavra. A coceira atrás da orelha só aumentou. Sem trocar uma palavra, decidimos sair, fomos embora. O que havia acontecido? O que foi tudo aquilo? A pulga deu uma bela mordiscada, e a curiosidade atacou novamente. Passados dois minutos, retornamos àquele quarto. Ao aparecermos na porta, elas voltaram a rir muito, até mais que da primeira vez. Não diziam nada, só olhavam e riam. Como aquela pulga insistia em não nos deixar, saímos do quarto e voltamos algumas vezes para detectar se o fenômeno era contínuo. Só risadas. Mãe e filha não paravam de rir de nós.

Tem horas que a gente precisa mesmo saber das coisas. Então, fui perguntar qual era o motivo de tanta graça:

— Do que vocês riem tanto?

A resposta foi mais risadas ainda, e nenhuma palavra. Até hoje não sabemos e nem sequer temos uma pista do que poderia ter acontecido. Dúvida cruel e engraçada. Será que elas ainda estão rindo daquele momento? Nós estamos.

ATIREI O PAU NO GATO

HOSPITAL MUNICIPAL, MARINGÁ, PARANÁ

Quem canta seus males espanta, já dizia o ditado. Mas e quando canta errado? Acho que os males vão mais rápido ainda.

Aconteceu no corredor da pediatria, lugar em que todos os pequenos pacientes estavam acompanhados de suas mães e faziam uma grande festa. As crianças sabem transformar os ambientes. Deu para contar, naquela tarde, umas 12 crianças e mães, três enfermeiras e mais a dupla de palhaços. Decidimos fazer um grande coral, entoando a famosa canção *Atirei o pau no gato*. Começamos a tocar o violão, e as vozes ecoaram naquele lugar. No final da música, tomado de uma liberdade poética, eu errei a principal parte — na hora do berro que o gato deu, eu soltei um belo de um mugido.

— Não era atirei o pau no gado?

A minha dupla ficou furiosa com tamanha desatenção. Tentamos novamente e, na hora H, no lugar do berro que o gato deu, saiu um grande “co co ricó”.

— Não era atirei o pau no galo?

Ela, novamente, ficou furiosa por meu erro. Todos do coral do corredor riram e tentavam me ensinar a fazer o legítimo miado do gato. Decidimos, então, que eu tentaria a última vez e, dessa vez, eu tentaria sozinho. A música foi retomada, todos cantando juntos “atirei o pau no gato-to, mas o gato-to não morreu-eu-eu...” E, na hora final, todos esperavam um sonoro berro que o gato deu. Foi um silêncio total. A palhaça, então, olhou nervosa para minha direção e perguntou o que havia acontecido daquela vez. Eu apenas disse:

— Acho que o gato comeu minha língua...

Ela ficou mais brava ainda e quis puxar minha orelha. Sai em disparada, correndo e fugindo como um gato assustado. Sem nenhum miado, só se ouviam as risadas, no corredor, e o berro que o palhaço deu, quando ela me acertou em cheio.

UM MAR DE EDUCAÇÃO

ESCOLA HINDU, NEPAL, ÁSIA

O anúncio do piloto sugeria que todos os passageiros olhassem pela janela da esquerda: a montanha que víamos no meio das nuvens era o Everest. Que montanha grande, deve ter dado trabalho para erguê-la! Quem dera, um dia, um palhaço subir um pico tão grande. Dá fadiga só de pensar.

O palhaço, diante de suas limitações atléticas, preferiu ir ao mar. Sim, eu sei bem que no Nepal não há mar. Refiro-me ao mar de crianças, já que nas escolas do país todos os alunos estudam com uniformes azuis. Não sei se é porque essa cor está presente na bandeira do país, ou se é porque, na cultura dos hindus, alguns deuses têm essa cor. Só sei que parecia um verdadeiro mar.

Enquanto apresentávamos, nos sentimos uma ilha: palhaços no meio, crianças a nossa volta. Depois do fim do espetáculo, nos vimos diante de uma grande tempestade: elas vieram nos abraçar todas de uma vez, quase nos afogamos em tanto carinho. Acho que foi um dos melhores mergulhos da minha vida.

Educadamente, os alunos voltaram para suas salas de aulas. Nós, palhaços, retomando o fôlego, ficamos curiosos para saber como era o ensino daquele povo. Quando pisamos na sala de aula dos estudantes adolescentes, todos ficaram em pé em sinal de respeito. Só foram se sentar quando solicitamos, e eles ainda agradeceram. No quadro, a matéria da disciplina de matemática, e todos a copiavam em silêncio. Foi fácil notar a ausência do professor, que tinha ido tomar um chá. Sem conversas paralelas, estudando disciplinadamente, eles receberam nossos elogios. Novamente, os estudantes agradeceram. Um mar de educação.



PERNAS TRÊMULAS

CHILE, AMÉRICA DO SUL

Se existe um povo que é bem acolhido em quase todo o canto do mundo é o brasileiro. Por todos os continentes, basta mencionar de onde veio, que todos lembram do futebol — mesmo que não sejamos mais tão hegemônicos assim. O Brasil ainda suscita palavras como carnaval, açai, caipirinha, Amazônia e Rio de Janeiro, além de outras referências. Tenho uma coleção delas por conta das viagens que já fiz.

Voltando ao futebol, ser referência no esporte mais popular do mundo é algo bom. O problema é só quando a gente perde. E, às vezes, perde feio... Estávamos no Chile, justamente quando a seleção brasileira perdeu um jogo para os chilenos. Mesmo sendo muito hospitaleiros, eles não perdoaram os pobres *hermanos brasileños*. Do taxista até o recepcionista do hotel, todos brincavam, de maneira respeitosa, com a nossa vergonhosa derrota. Azar no jogo, sorte na viagem.

O Chile, por sua vez, não é um país conhecido pelo futebol. É um lugar lembrado pelo vinho, Vale Nevado, Pablo Neruda e outras coisas. Uma referência conhecida e pouco desejada são os terremotos. Azar no jogo, sorte na viagem, já que a terra não tremeu quando estivemos lá. O que tremeu, confesso, foram as pernas dos palhaços. O nosso palco, naquela expedição, era em um antigo cinema de bairro — coisa comum na década de 80, segundo os chilenos. As paredes antigas pareciam estar cheias de cicatrizes, rachaduras resultantes de alguns terremotos passados. Tudo estava em pé, mas parecia na iminência de cair a qualquer momento.

— Amigos, fiquem tranquilos, as paredes são assim mesmo!

Foi o que ouvimos da produtora, minutos antes de subir ao palco. A cada barulho diferente, um verdadeiro terremoto dentro da nossa barriga... Olhávamos para o teto e para as pa-

redes, procurando uma resposta. Nada demais, barulhos normais do velho cinema.

Um tempo depois, terminada a apresentação, sem mais abalos sísmicos no estômago, deixamos o local tranquilos. Azar no jogo, sorte na viagem e na apresentação.



RAPADURA PAQUISTANESA

FAISALABAD, PAQUISTÃO

Desembarcamos no Paquistão, literalmente em rumo ao desconhecido. Isso porque havia ainda um clima de tensão em relação a pandemia e porque, poucos meses atrás, o Talibã havia retomado o controle do Afeganistão, fronteira com nosso país de destino. Ainda havia outra questão desconhecida: iríamos atuar com pessoas vítimas de trabalho escravo em fábricas de feitura de tijolos.

Ao chegarmos na primeira fábrica, não sabíamos o que encontraríamos e o que iríamos fazer. Já chegamos vestidos e preparados para aquele cenário cor de barro; havia muitas pessoas, incluindo muitas crianças. Uma dessas crianças se aproximou e ficou me olhando; em resposta, retribuí o olhar, até começarmos a sorrir sem motivo. Ela estava com as mãos e parte das roupas sujas de poeira e do barro utilizado na modelagem dos tijolos. Então, sem pensar muito, peguei um tijolo e fiz que iria comer com muita vontade. Imediatamente, ela disse com gestos e olhares que não era para eu fazer aquilo, estava tentando me ajudar a não fazer aquela maluquice. Eu só respondia que estava com fome, e que aquilo me parecia delicioso! Nesse tempo, foram surgindo outras crianças com a mesma advertência, por meio de gestos, olhares e palavras que eu não entendia. Por fim, olhei para todas e disse:

— Eu gosto disso. É rapadura! — o palhaço dava ênfase nessa palavra.

Como em um coral, elas começaram a rir e, nesse misto de estranhamento, tentaram repetir aquela palavra tão diferente.

— Ra-pa-du-ra! — lá estava, eu, ensinando uma nova palavra do nosso idioma.

E assim se seguiu, durante alguns minutos, uma verdadeira aula de ditado em português. E foi assim que aquelas

crianças aprenderam aquela palavra engraçada. Não sei se elas, ainda hoje, pensam que tijolo em português seja rapadura. O bom foi que a brincadeira teve um sabor açucarado.

Diante daquele mundo tão difícil que visitamos, e apesar dos risos, a conclusão é a mesma daquele famoso ditado: rapadura é doce mas não é mole não!



VAZAMENTO OCULAR

**HOSPITAL REGIONAL, ERECHIM,
RIO GRANDE DO SUL**

“É bom sempre estar preparado”, já dizia meu avô. Preparado sim, mas melhor com as ferramentas certas. Os imprevistos da vida, por vezes, nos pegam desprevenidos. Quem diria que, no corredor lotado do hospital regional, tivéssemos que conter um vazamento sem ferramentas?

Uma senhora, sentada no banco, se deparou com dois palhaços olhando no fundo dos seus olhos. Sozinha, perdida naquele lugar, encontrou a liberdade que precisava ao vê-los. Ela chorou. Chorou muito. Parecia vazamento hidráulico. Com muito carinho, buscando a calma pelo riso, detectamos a possibilidade de algum cano ocular ter furado. Era verdade, tinha sido furado com a notícia do falecimento do pai há poucos minutos... Os palhaços encanadores trataram de tentar achar um veda rosca ou uma fita isolante. Nada nas suas malas, nada na bolsa da senhora.

Depois de alguns minutos ali, o choro foi cessando, e o vazamento, controlado. Ela pagou pelo serviço com um grande obrigado pelo conforto recebido. Vazamento é fácil de resolver, o difícil é quando acontece um dilúvio pelos olhos, uma choradeira que nem a arca de Noé dá conta.

HANAKUSSO

ASILO WAJUNKAI, MARINGÁ, PARANÁ

Uma missão impossível é definir a cara do brasileiro. Nas olimpíadas, quando um alemão, um japonês ou um nigeriano vence, você pode imaginar o perfil de atleta que subirá no pódio. Quando é um brasileiro, é possível esperar de tudo, uma verdadeira miscigenação provocada por nossa história.

Essa mistura de povo permite, em nossas terras, o contato com muitas culturas. Na região nordeste do Paraná, temos uma colônia japonesa quase maior que o próprio Japão. Eles têm clubes próprios, espaços religiosos, festas e até asilos específicos.

O que visitamos ficava no mesmo terreno do templo budista, chama-se asilo Wajunkai. Confesso que foi difícil pronunciar o nome da maneira correta, mas os idosos, naquele dia, me deram algumas aulas. Todos eles com idades entre 70 e 101 anos, alguns legítimos japoneses e outros descendentes diretos. O que quase não se ouve no asilo é o português, por isso, tivemos que tomar algumas aulas para podermos nos comunicar. O resultado foi que aprendemos os cumprimentos básicos e algumas palavras feias... A que mais gostamos foi "*hanakusso*", que significa "sujeira de nariz". Como as comidas dos japoneses são exóticas em comparação com as nossas, imaginei de tudo. Eu dizia, então, para os amigos idosos que tinha vontade de provar as comidas típicas do Japão, comer *sushi* de *hanakusso*, ou outras iguarias orientais com o tal recheio. Todos eles foram enfáticos me dizendo em alto e bom som: "*mazui*", ou seja, "gosto ruim".

Se for ao Japão, conheça bem os recheios das comidas, ou nunca coma algo feito por um palhaço, eles costumam misturar os sabores.

O RISO DAS MÃOS

**ANPACIN — ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS,
MARINGÁ, PARANÁ**

O aplauso é o combustível do palhaço. No circo, a entrada do artista que sustenta a menor máscara do mundo — o nariz vermelho — é sempre motivo de muita bagunça, gargalhadas e palmas. Contagiado pelo público, ele se doa ao máximo em sua apresentação para que todos se divirtam.

Já diz a frase: “o artista vai aonde o povo está”. Nós sempre fomos, até mesmo onde o combustível do palhaço era diferente do usual. Nas cadeiras do pequeno auditório, estavam crianças e adolescentes ansiosos pelo espetáculo. Um silêncio imperava naquele lugar. Isso era devido à condição do público — eram surdos. E nós fomos até eles.

Risos silenciosos, sorrisos mudos, olhares que falavam tudo, sinais que não sabíamos traduzir. Fomos com a ajuda de uma intérprete. O espetáculo aconteceu de forma contagiante. A cada fim de número, mãos se levantavam e eram balançadas no ar com muita energia. Eram os aplausos silenciosos do público. Os palhaços experimentaram um novo combustível. Viramos total flex.

O PALHAÇO FICA

PORTO PRÍNCIPE, HAITI

Após dez anos, o Palhaço finalmente conseguiu retornar ao Haiti. A última vez que esteve lá, conheceu diversas crianças nos orfanatos que surgiram depois do fatídico terremoto que assolou o país em 2010.

O Haiti, com suas cores vibrantes e sua energia contagiante, deixou marcas indelévels em sua primeira viagem ao país, em 2013. Dez anos se passaram e parecia que nada havia mudado. Infelizmente, o país ainda se encontrava nas mesmas dificuldades. A única coisa que havia mudado era o público. Eram outras crianças, e isso parecia óbvio. Entre elas, também adolescentes e adultos.

Em uma das apresentações, o palhaço notou que alguns adolescentes olhavam-no, desconfiados, e ficavam cochichando. Com o fim do espetáculo, esses adolescentes se aproximaram, querendo saber se aquele palhaço era o mesmo de dez anos atrás. Quando confirmou que sim, veio logo a pergunta de vários deles: “lembra de mim?”

Aqueles jovens eram as mesmas crianças que ele tinha encontrado há dez anos. Estavam diferentes, é claro, mas os sorrisos e o brilho nos olhos eram inconfundíveis.

O palhaço voltou para o Brasil alguns dias depois, tendo a certeza que, independentemente do que aconteça, o palhaço fica!

A HISTÓRIA DO PALHAÇO

Alexandre Penha é palhaço, professor e ator profissional. Paranaense, graduou-se em História e Artes Cênicas, e é Mestre em Letras – Literatura, pela Universidade Estadual de Maringá. Durante mais de duas décadas, tem-se dedicado à arte da palhaçaria com fins artísticos, sociais e humanitários, atuando no Brasil e exterior — já foram mais de 60 países visitados.

Em 2019, recebeu o Título do Mérito Comunitário, concedido pela Câmara de Vereadores de Maringá, pelos serviços artísticos prestados à comunidade; em 2020, recebeu o Prêmio Jornada: em reconhecimento à Trajetória – Secretaria da Comunicação Social e da Cultura do Paraná – Categoria: Circo; em 2021, recebeu o Prêmio Reconhecimento por Trajetória Cultural em Maringá, pela Secretaria de Cultura de Maringá – Categoria: Artes Cênicas.

É autor das obras *No meio do mundo*, *O menino da foto* e *Ferrovários: entre trilhos e traves*; foi organizador da obra *Diário de Bordo – Terapia da Alegria*; e teve um de seus contos escolhidos para a 5.ª *Coletânea Contos Infantis-Sesc PR*. É também fundador da Escola de Palhaço que, desde 2010, tem difundido e fomentado arte e cultura pelo Brasil e exterior.



SOBRE A EDITORA



A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa (PR), pela escritora e jornalista Alessandra Pirroncello Bucholdz. Ao longo de 17 anos, lançou cerca de uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. Em 2024 foi finalista do Prêmio Jabuti Acadêmico, com a obra *EspeleoPiraí: em defesa do patrimônio natural de Piraí da Serra/PR*, organizada por Henrique Pontes e Laís Massuqueto.

Além da produção editorial, a ABC Projetos Culturais promove ações de incentivo à leitura, utilizando várias linguagens complementares, como forma de interação e interface do público com as obras. Desse modo, provoca novas experiências, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspiram e abrem janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

@abcprojetosculturais

SINOPSE

Malas Abertas é um livro de crônicas que revela as aventuras e emoções vividas pelo palhaço Alexandre Penha, ao longo de sua jornada pelo Brasil e pelo mundo. Entre risos, desafios e encontros inesquecíveis, Alexandre compartilha histórias repletas de humanidade, sensibilidade e reflexão. Cada página é um mergulho nos bastidores de suas vivências artísticas, onde o humor se mistura com as nuances do cotidiano e as experiências culturais de diferentes lugares. Com sua mala sempre pronta para abrir novos caminhos, o palhaço nos convida a ver o mundo com o olhar leve e transformador de quem faz do riso uma forma de existir.

